

A Noção de PHYSIS no pensamento de Martin Heidegger: a questão do projeto de matematização da natureza

PROF.^a ROSE MARY COSTA ROSA ANDRADE SILVA¹

PROF.^a ELIANE RAMOS PEREIRA¹

PROF. MARCOS ANDRADE SILVA²

RESUMO

Trata-se de uma investigação de cunho filosófico onde é examinada a noção de *Physis* a partir do pensamento de Martin Heidegger. *Physis* é descrita como nascividade, assim, enquanto puro surgir, é uma experiência originária, arcaica, fundante, inauguradora, primordial, constitutiva e vertical, onde é possível a copertinência daquilo que se vela. *Physis* é compreendida em seu modo de ser como o modo de ser da própria origem, na medida em que é modo de um raio, juntura clareadora, aparecer na luz, modo em que se está no estar da glória e do brilho numa junção des-envolvente que toca a totalidade dos entes como des-envolvimento conjugador de uma junção clareadora e decisiva. Finalmente, *physis* é interpretada como indagação de princípio quando apreendemos que perguntar pela *physis* é perguntar-se pelo começo que não começa e não pode começar, pois é círculo. À guisa de conclusão é examinado o projeto de matematização da natureza, onde na Modernidade é necessário que ela, a natureza, seja “domada”, “controlada”, “ocupada” e não “habitada”. Mas seria apenas o numérico o único modo de ser possível do matemático? Cremos poder dizer que não, pois, no dizer radical de Heidegger: “Aprender é um modo de apreender e do aproximar-se.” A apreensão do modo é que estará em jogo tanto no “ensinável” quanto no “aprendível”. Esse é o verdadeiro e real “a-se-pensar” do matemático.

I. PHYSIS COMO NASCIVIDADE

A palavra natureza, em português, nos leva a *natura*, em latim e no português poético. E *natura* remonta ao verbo latino *nascor* = *nasço*.

¹ Doutora em Enfermagem pela UFRJ na Área de concentração: A Enfermagem no contexto Social Brasileiro.

² Mestre em Enfermagem pela UNIRIO na Área de Concentração: Cotidiano da Prática de Enfermagem.

A natureza tem algo com nascer, assim como *physis* tem algo a ver com *phyein*- produzir ou *phyesthai* = crescer, fazer crescer, brotar. A palavra *physis* designa assim, o processo de surgimento e desenvolver-se das coisas. Entretanto, a questão que se coloca é: o que era para o grego natureza, ou melhor, *physis*?

Seria a noção grega de *physis* coisa objetivável e manipulável como para o homem moderno? Antecipadamente podemos dizer que não. No sentido grego, *physis* designa um cenário deslumbrante em que o ser, em seu vigor e beleza, se mostra e se esconde. O grego não distinguia como nós natureza e cultura. A *physis* engloba a totalidade do que é. Ela é princípio (*arché*) de tudo o que vem a ser, compreende a totalidade do que é. Assim, ao pensar *physis*, o grego pensa o ser.

Tomando como base o fragmento 123 de Heráclito onde lemos: “Surgimento (*physis*) já tende ao encobrimento”, podemos dizer que em Heráclito, *physis* designa surgimento, ou seja, “puro surgimento” onde Heidegger chama-nos a atenção para não cometermos o equívoco de considerarmos *physis* aqui como uma espécie de invólucro neutro, natureza por oposição ao espírito, ou mesmo naturalisticamente, mas como um “sempre surgir”, “nunca declinar”, nunca desviar-se num encobrimento, ou ainda, “nunca adentrar o encobrimento”

Mas que sentido era este de *physis* em Heráclito? É que os primeiros pensadores buscavam por de trás da multiplicidade das coisas, a unidade do real, o ser do sendo, o ser de tudo o que é. Ao assim buscarem, eles tentaram ultrapassar a aparência das coisas em direção ao que funda esta aparência. Por esta razão, o que os gregos entendiam por natureza, era algo muito diferente do que o que nós, modernos, compreendemos quando empregamos este termo. A *physis* não é coisa objetivável e manipulável de nosso mundo técnico-científico, mas o cenário deslumbrante em que o ser, em seu vigor e beleza, se mostra e se esconde.

Este é o modo de ser da *physis*. *Physis* no pré-socrático diz a experiência grega de ser, e num certo sentido, filosofia é o esforço de compreensão de ser. Assim, *physis* abrange, tudo o que abarca a totalidade do mundo, o mundo em sua totalidade. *Physis* está ligada à palavra nascer, nascividade, é um acontecimento, isto é, o real, por isso no grego, tudo é *physis* e *physis* é crescer, tornar-se, brotar, é vir a ser aquilo que se é, ou seja, é um “fiat lux”. *Physis* é vida, tomada e retomada de si próprio. Neste sentido, é possível falar o ser como *physis*, portanto, não existe *physis* em si, um algo separado, cada algo é *physis*, força de

diferenciação de tudo e o homem é a medida do vir a ser de *physis*, não subsistindo como um eu. Ele é em relação. Num modo. É em situação.

A noção de *physis* aqui entendida é esta que coincide com a própria experiência do ser do homem, ou seja, um modo de ser, a possibilidade de ser; o homem então é um precisar poder ser. *Physis* é este balanço de claro e escuro, mostrar e velar e isto é a dinâmica do real, o seu jogo, é um mostrar desde dentro de si mesmo, surgir desde si, um irromper. Entretanto, qual é o modo em que isto se dá? Seria a experiência de puro surgir, uma experiência ingênua? Sim, entretanto, extraordinária, que traz em seu bojo o salto para fora do natural. Esta “ingenuidade” remete-se ao fato de esta experiência ser despida de um arcabouço teórico-conceitual que tente explicá-la, porque a *physis* não pode ser entendida, mas compreendida, e esta compreensão não estaria fundada na causalidade como é próprio das ciências naturais, mas como algo essencial à existência humana, como possibilidade. Esta tal possibilidade não é algo passível de controle, de ser matematizada, medida, pensada como o experimento.

Trata-se de um “puro surgir” que não pego com a mão, mas “capto” desde as entranhas do meu ser. Captar aqui é captar a direção, o sentido, a meta em jogo naquele modo de aparecer e ser. *Physis* é então todo começo e todo fim. Ela é a experiência de um salto estando na instância do extraordinário num movimento de transformação que se repete e se retoma sempre o mesmo, que irrompe desde o nada para nada. Quando não somos capazes de repetir a experiência do puro surgir, esquecemos o ser e entramos na apatia, na letargia, na morte. Por esta razão, a *physis* não é uma abstração, o puro surgir é a experiência atravessadora, permeadora de tudo.

Heidegger ao tematizar a questão da *physis* para o grego diz que: “... a experiência originária de surgimento e proveniência a partir do que se revela e se encobre é que constitui a relação com a “luz”, em cuja claridade são constatadas a coisa semente e a coisa broto em seu surgimento, vendo-se assim, o modo em que a semente “é” na sementeira, o broto “é” na brotação.” Neste sentido, *physis* enquanto puro surgir é uma experiência originária, arcaica, fundante, inauguradora, primordial, constitutiva, vertical, onde é possível a copertinência daquilo que se vela, encobre com a luz, aparecimento, dando-se na forma ou no modo de fenômeno, enquanto aquilo que se revela, que se mostra em seu sentido, e este mostrar-se em si mesmo significa como disse Heidegger em *Ser e Tempo*, “um modo privilegiado de encontro”.

II. O MODO DE SER PHYSIS COMO MODO DE SER DA PRÓPRIA ORIGEM

A claridade em que são constatadas a coisa semente e a coisa broto em seu surgimento é princípio de realidade, onde o aparecer é ser para. Luz, claridade, é brotação, eclosão, fazer-se luz e como tal, é uma experiência arcaica, o imediato, o salto instantâneo que tem em si o privilégio da gratuidade, dependendo de si própria, não tendo princípio, obrigação que a possa coagir a nenhuma meta, fim que seja obrigada a perseguir.

Ver a coisa broto como ela “é” e também ver a coisa semente, como ela “é”, é ver desde o ser como aquilo que é, desde *physis* enquanto princípio de realidade, como essa experiência arcaica que tende, ama esconder-se, se ocultar e que é ao mesmo tempo “puro surgir”, nascividade, mistério de aparecimento; movimento. *Physis* é modo de ser da vida, de existir, viver, ou seja, ser no sentido de ser enquanto ser: nascividade. Este “puro surgir” enquanto acontecimento é justamente o que se apodera, se apropria do homem e o faz. A sentença de Heráclito: “Surgimento favorece o encobrimento”, acena para uma experiência que compreende a totalidade daquilo que é, e que por isso, pensar o todo do real a partir da *physis* é pensar a partir daquilo que determina a realidade e a totalidade do ente; é pensar o ser daquilo que é. Este “puro surgir” admite o declínio, pois ele é em si declínio, relação essencial com o encobrimento, o surgimento já é em si mesmo princípio de realidade. Neste sentido, na pintura, a cor é princípio de realidade, na literatura, a palavra, na música, o som.

Assim, ser no sentido de ser é sempre numa realidade, situação, mundo, numa vigência de *physis*. *Physis* então é para o grego toda e qualquer realidade possível, um movimento de aparecimento, mostrar-se, e isto é em última análise a dinâmica de tudo o que existe, pois a realidade assim se mostra.

Entendendo que falar *physis* é falar ser, cremos poder dizer que o modo de “dar-se velando-se”, num jogo sempre vivo de acender e apagar, aparecimento, e encobrimento, assegura a essência do surgimento. A *physis* em seu modo de ser remete à instância lúdica, de jogo, brincadeira, mas em que sentido? É que *physis*, como nos alerta Heidegger em Heráclito: “... é jogo do surgimento no encobrimento, que encobre justamente liberando o livre e o aberto.” Esse modo ser *physis* é junção, inaparência e ao mesmo tempo o que se vê originariamente. Seu modo de ser é abertura e abrigo, aparecimento inaparente onde sua essência favorece o encobrimento. Este modo ser em tensão de contrários –

III. *PHYSIS* COMO INDAGAÇÃO DE PRINCÍPIO

momento essencial da junção- é surgimento e clareira, o adorno e arranjo originário de tudo o que é.

Esse **como** da *physis* é modo de um raio, juntura clareadora, aparecer na luz, modo em que se está no estar da glória e do brilho numa junção “des-envolvente” que toca a totalidade dos entes como “des-envolvimento” conjugador e a junção clareadora e decisiva. Esse raio, enquanto modo, conduz o ente em sua totalidade perpassando iluminando, de antemão, o todo. O modo da *physis* é surgir, des-envolver a chama do fogo onde deixa resplandecer e ilumina o brilho da junta e da juntura. O modo da *physis* é como sinal que é encobrimento descobridor. Heidegger nos diz que: “O que assinala o sinal é o modo originário em que vigora, sem separação, tanto o descobrimento como encobrimento.” Por esta razão, o modo de ser *physis* é o que se mostra, o que se mostra essencialmente nos sinais, por isso deve manter o seu sentido o mais distante possível de qualquer “codificação”.

Esse modo de ser da *physis* não se deixa pegar, quantificar, medir, pois ele só pode ser captado por um pensar essencial, originário que significa escutar esse modo, o seu não-dito, é auscultar o seu *lógos* e neste esforço, devemos fazer a experiência de ver tudo a partir do seu olhar voltado para o que se abre fechando-se, como nos admoestou Heidegger. Auscultar este modo de ser da *physis* se dá na instância de uma ausculta obediente ao *lógos*, ao sentido, à fala originária numa participação. Entretanto, para visarmos de forma originária o modo de ser da *physis*, necessário é pensar o mais profundo e amar o mais vivo.

Neste mesmo sentido, o **como** da *physis*, sua inclinação (*enkklisis*) é um jogo de mostrar e se esconder, se dar e se retrain, se desvelar e se velar. Assim, este modo é o modo de sair de si mesmo, abrir-se, brotar, desabrochar onde se mostrará como vigor dominante daquilo que brota e permanece. O **como** de *physis* é o modo de ser da própria origem.

A pergunta pelo por que, é pergunta pelo ser, é pergunta pelo originário, pelo arcaico (*archai*), pelo que funda. O que motivou o esforço de pensar *physis*? É que na Grécia antiga, os primeiros filósofos jônios vêm-se tomados pela questão da totalidade, da inquirição de *physis*, e isto remonta a uma matriz primeira, busca esta que já existia em Hesíodo ao ver a multiplicidade brotando de uma unidade inicial, por um movimento de diferenciação dos elementos. A questão que se coloca na Grécia era como explicar a identidade do diferente? Como se originou o universo constituído de uma multiplicidade de coisas, seres, que podem até

conflitar entre si, mas que, no entanto, formam uma unidade sólida e harmoniosa?

Responder a tal desafio é responder à VIDA, é explicitar a origem dos diferentes, a situação do homem no universo, o seu próprio télos, a relação do homem com o mundo. Inquirir *physis*, viver a *physis*, celebrá-la é remeter-se à matriz primeira. Na concepção grega nada acontecia fora de *physis*: “deuses”, homens, animais e plantas, enfim, a totalidade era *physis*. Neste sentido, quando os pré-socráticos perguntam pela *physis*, eles não estavam sendo físicos no sentido atual do termo e não estavam restringindo ao ser material sua inquirição como pareceu supor Aristóteles, mas estavam retornando à problemática da origem da totalidade.

Este era o grande embate grego, pois como nos lembra Heidegger em Heráclito: “A *physis* não é o que também se mostra como um aparecimento no meio do surgimento e do que surge. É o que não aparece em todo aparecer.” Esse grande desafio de busca é assumido em toda sua radicalidade pelo grego. É o desafio pela *arché* (começo, proveniência, origem), é desafio pelo embate com o *páthos*, com a experiência de espanto que move o homem em direção à própria gênese.

Este movimento é movimento de descer fundo na análise da própria realidade humana é a pre-ocupação como os primeiros princípios (*arché*) e neste acontecer, acontece um processo de auto-diferenciação de si mesmo, envio e reenvio à gênese do tempo próprio; pensar *physis* é o desafio de pensar a si mesmo, é a “hora do homem”, é o confronto do qual o homem não pode escapar sob o risco de perder-se do *lógos*, da palavra poética, originária, ou seja, destino.

Pensar o aparecimento inaparente, “o caminho”, a disposição de abrir-se, fechar-se, e ao voltar “atrás” de um para o outro, é pensar *physis*, é pensar *arché*, o que nunca declina, porque vigora de modo insistente e originário. Indagar por que *physis* é indagar por que pensar. É indagação pelo arranjo originário que tudo funda, é o “eu caçador de mim.”

Perguntar pela *physis* é perguntar-se pelo começo que não começa e não pode começar, pois é círculo. É caminho que sempre é possibilidade do reenvio desde si para si, desde o DESTINO. O coro de Antígona diz: “A vida é curta e um erro traz um erro. Desafiado o destino, depois tudo é destino.” A coragem de assumir o próprio destino como Antígona é a coragem de vir a ser tudo o que se é. É coragem do exercício da própria liberdade. Só se pode perguntar por *physis* em liberdade, só per-

IV. O PROJETO DE MATEMATIZAÇÃO DA NATUREZA

guntamos pelo começo porque ele reclama isto como uma necessidade radical desde onde o começo, é reclamar pela VIDA.

O destino ao ser desafiado se põe como discurso a falar do que “nunca declina” e este lógos originário é o **um** de tudo, o uno-único, unidor e reunidor. É também Destino, pois como disse Hölderlin em uma carta a Böhlendorff datada de 2 de dezembro de 1802: “... tanto para os gregos como para nós, deve constituir o mais elevado, a saber, a relação da vida e do destino.” É neste sentido que falar de *physis*, inquirir *physis* é inquirição de vida e de Destino, é fazer a mais intensa experiência com o todo que só advém **na** e **como** separação.

É a própria ação trágica daquilo que cumpriu-se antes mesmo de haver começado. O que está em jogo no homem grego ao perguntar-se por *physis*? Quem sabe, poder reencontrar alguma coisa, ter destino. Não seria esta a terefa do poeta hespério?

A *physis* deixa de se impor como objeto primeiro de reflexão. Pela rota do antropológico e não mais por aquela da *physis* que a Filosofia se (re) situava no mundo grego, frente à emergência de novos valores, frutos da experiência da cidade-estado. A frase de Protágoras: “O homem medida de tudo”, traz algumas conseqüências tais como a procura de uma fundamentação sólida. Aristóteles levando a termo a pesquisa sobre as condições últimas da inteligibilidade do ser particular, supõe, acima do mundo da *physis*, o mundo do movimento “retilíneo e imperfeito”; o mundo das inteligências puras, as quais movimentam os astros de maneira circular. Neste sentido, com a emergência dos primeiros grandes sistemas filosóficos do ocidente, cujos principais nomes foram Platão e Aristóteles, a fascinante e inquietante manifestação do SER foi sendo substituída pela metafísica.

O “sonho” da metafísica era o sonho da permanência, da estabilidade, do eterno presente. A busca tem agora como meta primeira e última encontrar nas coisas o que tem a “consistência” do inteligível, o que pode ser representado, controlado, medido, quantificado pela razão. Há quase que uma certa indignação por se pensar o “acidental” por não vislumbrar aí a limpidez da idéia (Platão) e a solidez da substância (Aristóteles). As implicações de tal pensamento no curso das épocas é que a metafísica passa representar assim o anseio de se ultrapassar (meta) a natureza (*physis*) em seu dar-se velando-se, em sua nascividade, fragilidade. Busca-se o imutável, o constante. A doutrina metafísica é retomada na idade média por Santo Agostinho, mais tarde por São Tomás de Aquino e pela Escolástica.

Na modernidade temos René Descartes (1596 - 1650) com seu projeto de “estabelecer algo de firme e constante nas ciências” (Meditações) retoma na Filosofia Ocidental a busca de um fundamento seguro para a verdade. Este fundamento é buscado no próprio homem, não no mundo exterior, mas na consciência, no sujeito, no cogito. Descartes substitui assim a antiga substancialidade pela subjetividade. Em seu exercício da dúvida radical, hiperbólica ele diz fundamentalmente: cogito ergo sum (“penso, logo sou”), este seria o fundamento inabalável proposto em Descartes.

O objetivo de Descartes era ter um método para se obter o conhecimento da verdade das coisas, enquanto clareza e distinção, a fim de tornarem-se mestres e possuidores da natureza. O que se queria com isto? Ter o controle, o domínio de todos os controles naturais e reverter isto em favor do homem. A natureza seria representada pelo cogito, pela natureza, tendo este ideal, ele impõe-se à determinação de um método cujo ideal de conhecimento é, como falamos, ser possuidor e senhor do conhecimento. O que ocorre então é um verdadeiro processo de matematização da natureza onde é necessário que ela seja “domada”, controlada, “ocupada” e não “habitada”. Mas seria apenas o numérico o único modo de ser possível do matemático?

Heidegger em um texto célebre intitulado “O que é uma coisa”, vem, não explicar, mas explicitar o sentido da palavra matemático, onde após a análise do seu étimo mostra que o numérico foi um modo de ser possível do matemático, que foi eleito pela modernidade para o matemático. Entretanto Heidegger nos diz que: “... segundo a origem etimológica, resulta do grego *matemata*, o que se pode aprender, e ao mesmo tempo, em consequência, o que se pode ensinar.” É que só é possível ensinar o que é “aprendível”; o “aprendível” é o “ensinável”. Neste sentido, o matemático então é um caráter de todo o conhecimento que se precisa ter e em toda e qualquer coisa que se conhece, o cognoscível é o que de algum modo é dado por antecipação. É preciso já se estar na predisposição para que o aprendível aconteça. É preciso já desde sempre, ter-se posto à espera do “aprendível”. Esse movimento é movimento de captação do sentido daquilo que se mostra para o homem enquanto ser-no-mundo.

Assim, no dizer radical de Heidegger: “Aprender é um modo de apreender e do aproximar-se.” A apreensão do modo é que estará em jogo tanto no “ensinável” quanto no “aprendível”. Esse é o verdadeiro e real “a-se-pensar” do matemático. Neste sentido, “matemático” é possi-

bilidade de escuta do originário, escuta que é ausculta obediente do sentido, do lógos das coisas; é uma apreensão adequada, segundo o modo próprio de ser do que é. Quando assim nos portamos estamos em contato com o arcaico e fundante daquilo com o que lidamos na lida do mundo-da-vida, pois somos ser-com . Esse com precisa ser mais do que refletido, precisa ser meditado, enquanto “meditação que chega ao fundo”.

É na retomada deste com que será possível pôr-se a pensar no que Husserl nos legou em uma passagem lapidar de *Meditações Cartesianas*: “O sentido do termo “homem”, que, já enquanto indivíduo, é essencialmente membro de uma sociedade, implica uma existência recíproca de um para o outro. “É preciso hoje, mais do que nunca, ser esta existência recíproca de um para o outro onde quem sabe será possível VIVER *physis* e ter a visão do surgimento já sempre em vigor. ◆

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Fogel, Gilvan. **Da solidão perfeita**: escritos de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- Sófocles. **Antígona**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.(coleção Leitura).
- Heidegger, Martin. **Heráclito**: a origem do pensamento ocidental: lógica: a doutrina heraclítica do lógos/ ; tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback.- Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998.
- _____. **Que é uma coisa?** Doutrina de Kant dos princípios transcendentais. Lisboa: Edições 70, 1987.
- Hölderlin, Friedrich. **Reflexões: seguidas de Hölderlin, Tragédia e Modernidade** de Françoise Dastur; organização Antônio Abranches; tradução de Márcia de Sá Cavalcante, Antônio Abranches.- Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- Husserl, Edmund. **Meditações Cartesianas**. Porto-portugal: rés.